



FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 08 DE JUNHO, DE 2026 - 21H00

EM CARNE VIVA

Carne Tremula



Pedro Almodóvar é indiscutivelmente uma das personalidades mais interessantes do cinema europeu contemporâneo, com a “agravante” de ser um “europeu” convicto. Muitas têm sido as propostas irrecusáveis que os estúdios norte americanos lhe têm endereçado e ele mantém-se fiel à sua “Movida” madrileña, recusando os dólares e o seguro acréscimo de reconhecimento internacional que uma temporada em Hollywood

certamente lhe acarretaria. Almodóvar é, também neste aspecto, um homem inteligente. O seu cinema é tão profundamente espanhol, melhor ainda, tão retintamente madrileño, que só muito dificilmente aceitará ser exportado sem perda de qualidades. Em Madrid ele respira o ar da sua genuína inspiração. “Carne Tremula” bem o demonstra, culminando um caminho que lentamente se vem impondo à consideração de todos, mesmo daqueles que inicialmente desconfiavam da irreverência, da mordacidade, do picaresco e de um certo folclorismo do seu cinema.

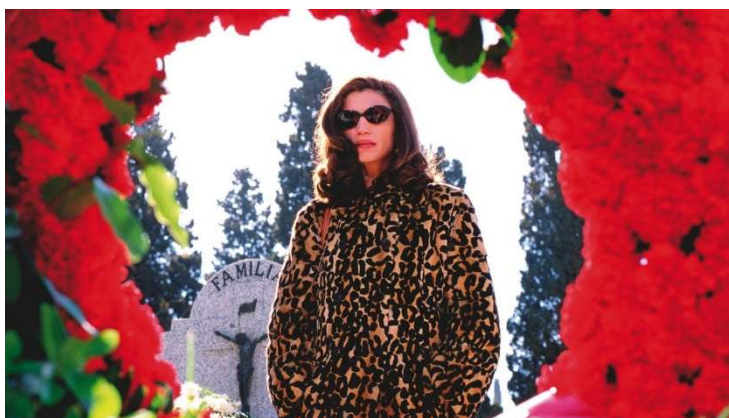
“Em Carne Viva” mantém todas as qualidades anteriores de Pedro Almodóvar e acrescenta-lhe talvez uma certa maturidade e segurança de estilo. Trata-se de um fabuloso melodrama contemporâneo, um género bem ao gosto do cineasta, com um sabor muito espanhol, que se pode encontrar nalguns dos seus autores de eleição, sobretudo Berlanga e Buñuel, nomeadamente neste último, de que existe mesmo uma citação de “Ensaio de Um Crime”. História de frágeis amores numa sociedade em convulsão, “Em Carne Viva” roda em redor de meia dúzia de personagens magnificamente trabalhadas por Almodóvar, ainda que a

intriga global se inspire num romance policial da inglesa Ruth Rendell, “Live Flesh”, traduzido pela Caminho para português por “Carne Eléctrica”. Quem conhecer o romance, rapidamente se apercebe que a adaptação de Almodóvar não é absoluta, e que, em muitos aspectos, o seu filme se afasta do romance, inclusive na forma como é vista a decadente e sórdida sociedade inglesa e a esperança no futuro que transpira das derradeiras imagens do filme, inscritas numa Espanha democrática e livre.

Victor Plaza é o protagonista desta história de desacertos sucessivos, que começam logo pelo seu nascimento num dia da quadra do Natal de 1970, uma época negra do regime franquista, quando é decretado, pelo então Ministro Fraga Iribarne, o Estado de Excepção. Porque esta data? É Almodóvar quem explica: - “Chocou-me muito que um homem que anunciou uma coisa tão monstruosa esteja não só vivo, como implicado na vida política espanhola.” E explica também porque o seu filme reivindica essa inserção política tão específica, ao contrário do que acontecia nas suas primeiras obras, onde o passado político recente de Espanha só raramente era afluído: -” Há vinte anos, a minha vingança contra Franco consistia em fazer os meus filmes como se ele nunca tivesse existido. Hoje, penso que é bom não nos esquecermos desse tempo, e de lembrar que ele não está assim tão longe.”

Victor é filho de uma prostituta e nasce a caminho da maternidade, a bordo de um autocarro de carreira. Um aceno de simpatia do “alcaide” de Madrid e passes gratuitos para mãe e filho são as consequências mais visíveis deste parto. Anos depois, Victor entrega pizzas e passa uma noite de debute sexual com Elena, que deixa o seu telefone e a marca dos lábios num guardanapo. Victor tenta o reencontro, mas em má hora o faz. Elena dele recorda apenas a inépcia da experiência, e não o quer voltar a ver. Mas, em sua casa, Victor cruza-se com dois polícias, David e Sancho, que andam na ronda nocturna pela cidade. Ouve-se um disparo, e David é atingido por uma bala que o deixa paralisado...

Esta é a base deste melodrama que mete depois por ruelas e atalhos com anos de prisão e vida encaixotada numa cadeira de rodas, tentativas de vingança e adultérios, com a roda da sorte a puxar para cima e para baixo cada um dos protagonistas, como cumpre num melodrama que se preza. Dir-se-ia que é o destino quem conduz estas vidas inocentes e frágeis pelos caminhos da tragédia, mas aqui o destino chama-se Almodóvar, que imagina e encena situações admiravelmente dirigidas. Há sequências absolutamente notáveis, a começar desde logo pelo parto inicial, que

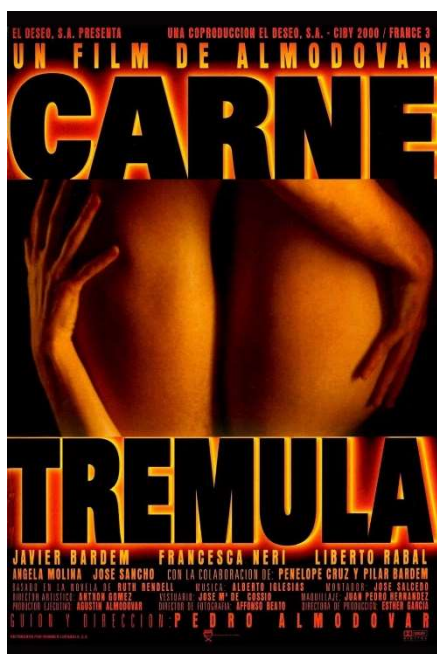


mistura o humor negro e a tragédia ao nível do melhor Almodóvar que nós já conhecíamos, prolongando-se depois por um fabuloso travelling acompanhando a ronda de dois polícias pelas ruas de Madrid. O encontro de David e Elena, que leva ao desencadear da tragédia, as cenas de amor que pautam o filme e o transcendem a cada nova imagem, o encontro de Victor e David com um jogo de futebol na televisão por cenário, os ajustes de contas finais, com o drama a tingir-se de vermelho, vermelho de sangue, vermelho de desespero e impotência de amar e ser amado, tudo isso são momentos notáveis de uma obra que ficará seguramente como referência maior na filmografia de Almodóvar.

Tragédia sim, mas sobretudo filme de infinito amor, de um amor imperfeito, marcado pelas agruras do desacerto e do sem jeito, “Em Carne Viva” conta ainda com um extraordinário naipe de actores, muitos deles “filhos de algo” que se mostram bem à altura dos apelidos. Liberto Rabal e Javier Bardem, cada um no seu contexto, são admiráveis, como admiráveis são a belíssima Francesca Neri e a sempre fulgurante Angela Molina.

Lauro António

## EM CARNE VIVA



Título original: **Carne Trémula**

Realização: Pedro Almodóvar (Espanha, 1997); Argumento: Pedro Almodóvar, Jorge Guerricaechevarría, Ray Loriga, segundo romance de Ruth Rendell; Música: Alberto Iglesias; Fotografia (cor): Affonso Beato; Montagem: José Salcedo; Casting: Katrina Bayonas; Direcção artística: Antxón Gómez; Guarda roupa: Humberto Cornejo, José María De Cossío; Maquilhagem: Fermín Galán, Juan Pedro Hernández, Patricia Rodríguez; Direcção de produção: Esther García, Aude Girard, Alejandro Vázquez; Assistentes de realização: Álvaro de Armiñán, Covadonga R. Gamboa, Lola García, Pedro Lazaga, filho, Ana Muñoz, Pedro Paz; Departamento de arte: José Altit, Gonzalo Anso, Ion Arretxe, Federico G. Cambero, Agustí Camps, Enrique García, Juan Vicente Riuve, Juan Ignacio Viñuales, Felipe de Paco, Viuda de Ruiz; Som: José Antonio Bermúdez, Pablo Bueno, Sergio Corra, Raquel Fernández, María del Mar González, Bernardo Menz, Antonio Olariaga; Produção: Agustín Almodóvar; Intérpretes: Javier Bardem

(David), Francesca Neri (Elena), Liberto Rabal (Víctor Plaza), Ángela Molina (Clara), José Sancho (Sancho), Penélope Cruz (Isabel), Pilar Bardem (Doña Centro), Álex Angulo, Mariola Fuentes, Voel Be, Josep Molins, Daniel Lanchas, María Rosenfeldt, Antonio Henares, Diego de Paz, Matías Prats, Emilio Rodríguez, etc. Duração: 103 minutos; Distribuição em Portugal: Atalanta Filmes; Classificação: M/16 anos.

**FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 2026**

**Masterclass “Polícias e Ladrões- O Cinema à Lei da Bala”, 21H00 (entrada livre)**

**“UM DIA DE CÃO”, de Sidney Lumet (1975)**